

## **#DIFERENÇA: IMAGENS NA/DA SOCIEDADE DO COMPARTILHAMENTO**

Cristiano Sant'Anna

UERJ/PROPED – cs-medeiros@uol.com.br

### **Resumo:**

Partindo das premissas dos estudos nos/dos/com os cotidianos, esta pesquisa de doutorado teve como objetivo pensar com imagens compartilhadas por estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Abdias Nascimento, em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense/RJ, as noções de diferença tecidas com essa prática em suas articulações com as narrativas que engendraram. As imagens em questão foram compartilhadas na rede social da internet Facebook, em páginas correspondentes a grupos criados para este fim, denominados #Diferença e que operaram como dispositivo de pesquisa-intervenção, situando-se em um contexto que enunciamos como “sociedade do compartilhamento”. Buscamos pensar com fragmentos das redes de significações tecidas no momento em que eram compostas, problematizando conceitos, representações, dogmas e rupturas em relação a perspectivas tradicionais e hegemônicas da noção de diferença. As imagens, acompanhadas de suas narrativas/análises, nos deram pistas para pensar nos múltiplos atravessamentos e bricolagens entre imagens e ideias de diferença que são criadas e circulam nas múltiplas redes educativas.

**Palavras chave: Imagens, diferença, Facebook, Sociedade do Compartilhamento**

### **Introdução**

Os regimes de verdade que produzimos sobre nós mesmos, os outros e o mundo estão cada vez mais associados aos usos de imagens, assim como também estão associados a esses usos, os processos de subjetivação, as disputas em torno do reconhecimento e a participação política na sociedade contemporânea.

Às vezes, ouvimos indagações sobre o uso de imagens em detrimento da escrita, de forma crítica, embora não percebamos isso de forma contundente. Percebemos que tanto as imagens quanto a escrita possuem sua importância e o seu papel nos processos de significação, pois são duas formas de pensar que se atravessam mutuamente, se enfrentam e/ou compõem uma com a outra.

Não nos vemos em um mundo onde as imagens não poderiam ser utilizadas na produção de conhecimento; no qual só as palavras tivessem valor, como em tempos passados com as proibições ou as deslegitimações que as imagens sofreram. As imagens fazem-nos sentir e pensar a vida e o mundo em si. Seu uso cresce nos processos educativos e comunicacionais a cada dia, mas não podemos radicalizar e afirmar que as mesmas promovem a “morte” das palavras.

Flusser (2011), autor de *Filosofia da Caixa Preta* e outros livros sobre imagem, nos aponta que as imagens são utilizadas para representar o mundo e também para nos orientar nele. As imagens tradicionais (pintura, escultura) e as imagens técnicas (fotografia, vídeo) têm algo em comum e cada uma tem seu impacto, que pode mudar conforme o tempo. Assim, para este autor, “o significado das imagens é o contexto mágico das relações reversíveis” (p. 23).

Entendemos, com Flusser (2011), que a imagem, principalmente a imagem técnica, é um artefato que produz e se articula, de alguma forma, com conceitos, às vezes hegemônicos, cuja produção está em parte inscrita na programação do aparelho e no universo fotográfico, resultando em imagens-clichê que circulam dogmaticamente na nossa sociedade, mas também, em determinadas circunstâncias, engendrando vidências outras que nos permitem vislumbrar novas possibilidades de percepção e pensamento (DELEUZE, 2000).

As imagens, como forma de pensamento, criam conhecimentos, mas, ao mesmo tempo, trazem também um conhecimento já produzido nelas sem necessariamente estarem atreladas à linguagem escrita.

Não podemos deixar de observar que toda imagem pode afetar-nos, produzir problematizações, fazer pensar sobre um determinado assunto, fraturar padrões cognitivos habituais, tecer novas ideias. Entretanto, cada praticante da cultura, inclusive da cultura visual, produz as suas próprias interpretações (ou seja, atribui sentidos) acerca de uma mesma imagem, pois, como diz Nilda Alves<sup>1</sup> em suas aulas, vemos uma imagem com as nossas redes de saberes, fazeres e afetos. É nessa perspectiva que Alves (2016) pensa as imagens como “personagens conceituais”, e/ou operam como intercessores do pensamento e sem os quais é impossível pensar.

Ressaltamos que as imagens, estando implicadas nos processos de subjetivação e da tessitura das nossas redes de conhecimentos e significações, constituem vetores importantes nos processos de aprendizagem como invenção de si e dos mundos (KASTRUP, 2007).

As imagens fazem parte dos cotidianos das escolas e, dessa forma, são atuantes nas redes lá tecidas, inclusive, nas redes de conhecimentos e significações sobre a diferença e sobre “os diferentes” que lá se engendram.

### **Uma pesquisa com imagens no seio da cultura digital em rede**

---

<sup>1</sup> Professora Dr.<sup>a</sup> do Programa de Pós Graduação em Educação da UERJ (PROPED/UERJ), autora de inúmeros livros sobre as pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

A educação atual, mediada pelo uso das tecnologias nas práticas educacionais, que se entendem como “artefatos tecnoculturais” (SOARES & SANTOS, 2012) e pelas diferenças que se engendram nas mais diversas redes que convergem nos ambientes escolares, nos apresentam múltiplas faces e abre para o pesquisador, enquanto forma, e se formam novas abordagens para criar e recriar suas próprias práticas.

Os *espaçostempos* das redes sociais e digitais na internet se configuram no que vem sendo chamado de cibercultura. No diálogo com (SANTOS, 2014), “a cibercultura é a cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais nas esferas do ciberespaço e das cidades” (p. 20).

Crianças e jovens fazem uso de múltiplos “artefatos tecnoculturais” como celulares e câmeras; produzem vídeos e fotografias e interagem através desses dispositivos nas redes sociais. Existe assim uma cultura da imagem difundida e vigiada pelas/nas redes sociais da internet, estabelecida por meio de compartilhamento em sites como *Facebook, Instagram e Youtube*, articulando processos de usos, prazer e vigilância (BRUNO, 2013).

Nesse contexto, Edméa Santos (2014) nos ajuda também a repensar a ideia de rede:

Rede aqui é entendida como todo fluxo e feixe de relações entre seres humanos, objetos técnicos e as interfaces digitais. Nessa híbrida relação, todo e qualquer signo pode ser produzido e socializado no e pelo ciberespaço, compondo assim o processo de comunicação em rede próprio do conceito de ambiente virtual de aprendizagem [...] (p. 60).

E ainda:

A noção de rede é a marca do social em nosso tempo. Rede significa que estamos engendrados por uma composição comunicativa, sociotécnica, que se atualiza a cada relação e conexão que estabelecemos em qualquer ponto dessa grande rede. Tempo e espaço ganham novos arranjos influenciando novas e diferentes sociabilidades. (Santos, 2014, p. 60).

As redes sociais da internet alargam os *espaçostempos* de aprendizagem e trazem novas maneiras de tecer conhecimentos nos cotidianos.

Nesse sentido, ainda no diálogo com Santos (2014), buscamos uma aproximação e o entendimento de redes educativas:

Redes educativas são espaços plurais de aprendizagem. Além dos espaços e lugares plurais, entendemos redes educativas também como modos de pensamento, uma vez que a construção do conhecimento é tecida em rede, a partir das aprendizagens construídas pela apropriação dos diversos artefatos culturais, tecnologias, interações sociais, entre outros. Aprendemos porque nos comunicamos, fazemos cultura e produzimos sentidos e significados. Enfim, significamos, com nossas redes intrapsicológicas, em interação constante por nossas múltiplas redes intersicológicas, condicionadas pela cultura em suas multifacetadas relações. (Santos, 2014, p. 31).

Para pensar a relação escola-tecnologia-imagem-diferença nas redes que se cruzam e entrecruzam (ALVES, 2008), mergulhamos nos cotidianos de uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro, O CE Abdias Nascimento, em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, RJ, com a turma do terceiro ano do Ensino Médio, 3001/2014, baseados na metodologia das pesquisas nos/com os cotidianos. Assim, buscamos problematizar os modos pelos quais as imagens da diferença são produzidas *dentrofora* da escola, especialmente, os modos relacionados ao consumo, à produção, ao compartilhamento e à apropriação de imagens.

Paralelamente, os alunos da turma que foi escolhida para a pesquisa foram convidados a postar uma imagem que, para eles, significasse a “diferença”, em grupos na rede social da internet, o Facebook<sup>2</sup>, criados para este fim. Com essa finalidade, foi criada uma página para cada grupo nessa rede social que operou como dispositivo para a pesquisa que denominamos #DIFERENÇA.

Apoiamo-nos em Foucault (2012) para usar o termo “dispositivo” como uma função metodológica na nossa pesquisa.

Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (Foucault, 2012, p. 364).

O autor destaca, em segundo lugar, sobre esses elementos heterogêneos: “em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes.” (Foucault, 2012, p. 364).

---

<sup>2</sup> A história de criação do Facebook é atualmente bastante conhecida, para o que em muito contribuiu a sua abordagem no cinema em 2010 com o filme *A rede Social* (The social network) de David Fincher, onde se conta o essencial da história verdadeira da criação desta rede social inicialmente designada *Thefacebook*. Criado em 2004 por um grupo de jovens universitários de Harvard (Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes), visava criar um espaço no qual as pessoas se encontrassem, compartilhassem opiniões e fotografias visando, no início criar uma rede de comunicação apenas para os estudantes da própria Universidade. Todavia, em poucos meses a rede expandiu-se entre as universidades americanas, conectando jovens de mais de 800 instituições (ARRINGTON, 2005). A sua popularidade cresceu e em menos de um ano já tinha 1 milhão de utilizadores ativos. Em 2005 ultrapassa as fronteiras americanas e no início de 2006, algumas empresas e estudantes do ensino não superior passam a ter acesso a esta rede. Em setembro desse mesmo ano, o Facebook foi aberto a quem se quisesse registrar, mantendo apenas a restrição (teórica) da idade mínima de treze anos. No final de 2011, a rede social de Zuckerberg ultrapassou o Orkut, até então a maior rede do social do Brasil. Em dezembro de 2012 a rede social ultrapassou 1.060 milhões de utilizadores mensais ativos, sendo 680 milhões utilizadores que usam acesso móvel. Por dia, o número de utilizadores médios ativo, ronda os 618 milhos. Trata-se pois de um fenômeno único que se configura como a maior rede social do mundo (FACEBOOK, 2012 apud AMANTE, 2014, p. 29).

E ainda aponta que o dispositivo tem uma função estratégica dominante como um tipo de formação e, em um dado momento histórico, como função para responder a uma urgência. E, assim, produzir “um efeito que não estava de modo algum previsto de antemão, que nada tinha a ver com a astúcia estratégica produzida por uma figura meta ou trans-histórica que o teria percebido e desejado.” (Foucault, 2012, p. 365).

As redes sociais na contemporaneidade ocupam um espaço privilegiado na vida, principalmente, dos jovens e estudantes.

Com mais de um bilhão e meio de usuários em todo mundo e mais de oitenta e nove milhões de usuários em todo Brasil<sup>3</sup>, percebemos que a utilização dessa rede social como dispositivo de pesquisa nos facilitaria o acesso e uma aproximação maior com os estudantes da pesquisa.

A sociedade em rede surge como uma sociedade *hipersocial*, onde as tecnologias se integram no cotidiano ligando o mundo real ou virtual de tal modo que essa distinção, especialmente nos mais jovens e adolescentes a rede social é a continuação da sua vida off-line. Um e outro mundo são a mesma coisa, coexistem e fundem-se, sem qualquer distinção. (AMANTE, 2014, p. 40. Grifo do autor).

Como era de se esperar, todos os estudantes da turma pesquisada possuíam um perfil no *Facebook* e, dessa forma, poderiam compartilhar imagens e publicar seus comentários.

Ao criar um perfil no Facebook são disponibilizados campos para diferentes informações. O quadro informação básica inclui informação sobre gênero, data de nascimento, idiomas, ideologia política e crença religiosa. O campo/formação permite inserir a pertença institucional a nível profissional e a(s) instituição(es) de formação acadêmica. É ainda possível referir o status de relacionamento, a naturalidade e a residência atual. O campo “Sobre ti” deixado em aberto, permite ao utilizador realizar uma auto-descrição. A este junta-se o campo citações preferidas e o campo relativo a contatos onde pode ser indicado apenas o endereço de e-mail, ou muitos outros dados. Há, pois, um conjunto de referências pessoais que podem ser inscritas nestes campos, permitindo traçar um perfil do utilizador mais ou menos detalhado, consoante a opção tomada por este já que estes campos não são de preenchimento obrigatório. (AMANTE, 2014, p. 30).

Dessa maneira, pensamos que a interação com os estudantes seria mais fácil, prática e até econômica. Todos poderiam postar imagens sem ter que imprimir e levar para sala de aula; poderiam fazer isso a qualquer hora, de qualquer lugar, seja na escola, em casa ou na rua, como também, poderiam escrever, compartilhando sua ideia de maneira menos formal.

---

<sup>3</sup> Fonte: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2014/08/22/Facebook-tem-89-milhoes-de-usuarios-no-Brasil.html>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

Não determinamos se as imagens deveriam ser criadas por eles ou se poderiam usar imagens disponíveis em bancos de dados disponíveis em sites de busca como o “Google”; deixamos que cada um fizesse sua escolha.

Nessa contingência, mergulhar com todos os sentidos nos cotidianos das redes tecidas *dentrofora* da escola é também imergir nas redes sociais, nas quais professores e alunos se relacionam, interagem e criam conhecimentos e significações.

Sendo o Facebook, por excelência um espaço de interação e comunicação, o professor pode aproveitar as muitas horas que os seus estudantes passam conectados, para utilizá-lo como um espaço de partilha de conteúdos multimídia, de vídeos, de músicas, de fragmento de filmes ou de peças de teatro, relacionados com os temas lecionados. Para, além disso, pode, também aproveitar esse tempo para promover discussão e debates sobre os assuntos tratados (MOREIRA & JANUÁRIO, 2014, p. 79).

Em nossa proposta, imersos numa cultura imagética e digital, solicitamos que cada estudante, em separado, deveria postar uma imagem que, para ele, significasse ou traduzisse uma ideia de “diferença” e, nesse sentido, também postar seu comentário, dizendo por que aquela imagem representa a “diferença”. Ou seja, porque ele escolheu aquela imagem.

Após postar a sua imagem dentro do grupo e somente para os componentes dele, cada estudante também deveria comentar a imagem do colega do grupo. De acordo com o quantitativo de estudantes por grupo, vários comentários foram postados sobre uma mesma imagem.

Efetivamente, podemos afirmar que as redes sociais, nomeadamente o Facebook, permitem, atualmente, equacionar o processo pedagógico de forma diferente. No entanto, a mudança não deve ser vista só do ponto de vista tecnológico, mas, sobretudo em termos de mentalidade e de prática. Esta realidade implica uma alteração cultural, pois obriga a repensar os papéis dos professores e dos estudantes, e a relação existente entre eles, para além das implicações a nível da planificação de cursos e currículos, sistemas de avaliação, formas de ensinar e aprender, metas a atingir. Na verdade, o papel do professor está em mudança e aproxima-se, com o apoio digital, ainda mais, dum e-moderador, ou seja, de um orientador de aprendizagens. (MOREIRA & JANUÁRIO, 2014, p. 81).

Entendemos que as redes sociais da internet estão presentes no nosso cotidiano seja por visibilidade e vigilância, como também para entretenimento e prazer (BRUNO, 2013).

Assim como celulares e suas câmeras são considerados “artefatos pedagógicos” (SOARES & SANTOS, 2012), as redes sociais da internet também têm exercido esse papel de diálogo com o fazer pedagógico de alunos e alunas no cotidiano escolar.

O conhecimento que circula em rede é para as pessoas que acessam inicialmente informações. Portanto, para transformarmos informações em conhecimentos, é preciso saber selecionar o que é pertinente para cada praticante cultural em seu contexto sócio-cognitivo e político-cultural. Não podemos ignorar que vivemos num mundo globalizado, mas com diferenças, desigualdades e singularidades (SANTOS, 2014, p. 48).

## **Juventudes e culturas audiovisuais**

As transformações sociais dos últimos tempos reverberam na nossa contemporaneidade na qual as juventudes ocupam cada vez mais espaço e presença, criando, com isso, suas estéticas de existência e despertando interesses dos meios de comunicação, da indústria da moda, das políticas públicas.

Assistimos agora a um interesse muito grande pelas juventudes. Ou melhor, pela juventude, ainda no singular. Porque, de um modo geral, assim são vistas, como uma faixa etária determinada, uma “fase da vida”. Ou seja, indivíduos com práticas, subjetividades e corporeidades idênticas, em transição da infância à vida adulta. Farto material jornalístico, com pretensa objetividade informacional e científica, é apresentado, através de diversas mídias, para explicar os jovens na especificidade de suas vidas. Vidas que parecem preocupar governos e instituições. O Estado, a família e a escola estão entre as instituições mais interessadas, preocupadas com o governo das práticas e das imagens que fazem parte das identidades juvenis. É preciso, então, dizer quem são os jovens. Descobrir suas aparências e revelar quem são realmente, essencialmente, sinteticamente. (BERINO, VICTÓRIO FILHO & SOARES, 2013, p. 19).

Na nossa contemporaneidade as juventudes são os maiores usuários nas/das redes sociais da internet, seja o *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *WhatsApp* ou o *YouTube*. Estima-se que, pelo menos, nove em cada dez jovens possuam uma conta em uma rede social onde compartilham suas produções de fotos, vídeos, textos etc. em um processo de vigilância e visibilidade (BRUNO, 2013).

Entendemos que os diferentes usos das redes sociais pelas juventudes possibilitam outros modos de produzir conhecimento e subjetividades atualmente.

Essas juventudes conectadas criam modismos, tendências, estilos musicais, canais, *memes*, tutoriais, promovendo outras formas de compreensão de si e do mundo e despertando, cada vez mais, interesse da mídia e de setores da sociedade em geral.

E são essas juventudes que estão presentes na nossa pesquisa, nos cotidianos das escolas com seus celulares e smartphones, clicando, compartilhando, curtindo, criando e cocriando novas

maneiras de ser e novas formas de agir nos diversos *espaçotempos* que habitam na nossa “sociedade do compartilhamento” (SANT’ANNA, 2017) com o protagonismo das imagens.

O uso de imagens e as redes sociais da internet constituem uma das principais práticas das juventudes na nossa contemporaneidade.

O mundo de imagens que é gerado, por sua vez, afeta a própria vida. Torna-se cada vez mais difícil fazer distinções entre vida, arte fantasia, realidade. Os campos confundem-se. A vida torna-se o modelo, a protoimagem do mundo de aparências e vice versa. O visual está em uma trajetória hipertrófica. (WULF, 2013, p.34).

Os regimes de verdade sobre o outro e sobre si estão cada vez mais produzidos e praticados com imagens que são curtidas e compartilhadas por essas juventudes.

### **Encontrando e Pensando com as imagens**

As imagens que seguem e foram postadas pelos estudantes da pesquisa, nos fazem pensar nas relações entre seres humanos que denominamos “diferença interpessoal”.

Tratam-se de processos de singularização em que as pessoas vão se produzindo constantemente na relação com o mundo em seus processos de subjetivação, conforme os agenciamentos, as afetações, as configurações de forças e as experiências em suas múltiplas redes. Entendemos que as pessoas se constituem por assujeitamento ou em processos de subjetivação nos quais tomam as rédeas da invenção de suas próprias existências. Trata-se de exercer um poder sobre si próprio, de uma atitude problematizadora e performativa, interrogando-se como se tornou o que é/vai sendo e como é possível tornar-se outro numa perspectiva ética-estética-política que implicam escolhas, questionamento, tensão, enfrentamento, composição, criação permanente e potencialização dos modos de viver com outros.

Se pensarmos com Foucault (2013), essa diferença processual, afirmativa e permanente impõe a tarefa de elaborar a si mesmo ou de inventar a si mesmo; um cuidado de si, que é indissociável de um cuidado com o outro.



A estudante D postou: “Para mim, a diferença é quando você deixa de ser ou seguir os outros para ser você mesmo, afinal, somos todos diferentes e, às vezes, as pessoas não entendem/aceitam isso. Porque você sendo você mesmo, não sendo igual aos outros, você aprende a se amar e a ser feliz.”

O estudante E postou: “Achei interessante a imagem, primeira coisa que me veio à mente foi: se todos estão pensando a mesma coisa, ninguém está pensando. Aí, então, tem um ser pensante ali.”

O estudante F postou: “Na minha opinião, a diferença somos nós que fazemos; no caso da imagem demonstra uma carinha feliz amarela e um grupo de carinhas tristes ao seu redor. Isso me fez lembrar uma forma de se vestir o preconceito, de se arrumar diferente, se você usa ou não usa roupa da moda, isso é uma grande diferença na sociedade e seu julgamento mesquinho.”

Podemos pensar nos/com as imagens/comentários que os processos de singularização, tais como foi interpretada a “carinha amarela” da imagem postada acima e das que seguem abaixo, são considerados como prática de liberdade e se configuram como uma das alternativas de combate aos modelos de subordinação identitária ou de assujeitamento. Dessa forma, sai da relação de uma identidade hegemônica, do metro padrão. Contudo, a de lembrar-se com Foucault (2012), que liberdade não é fazer o que se quer livremente, mas de não deixar que os outros (os poderes instituídos, as normas institucionais, as verdades científicas, midiáticas e religiosas etc.) façam tudo o que querem conosco. Mais ou menos como: o que podemos fazer com tudo aquilo que age no sentido de nos formatizar?

A próxima imagem segue o mesmo contexto embora não tenha tido comentários.



Fazer a diferença, entretanto, virou também uma palavra de ordem principalmente no mundo do trabalho e do consumo. Cabe então pensar a diferença processual, afirmativa, que potencializa e

que é criadora de si, considerando que ela se efetua nesse mundo, com e apesar de tudo que nos é oferecido e/ou imposto.

Embora possamos pensar em processos de invenção de si nos diálogos com as imagens por meio de problematizações feitas pelos/com os estudantes, muitos comentários nos remetem à ideia de tolerância, amor ao próximo, respeito, como atitudes necessárias e suficientes para combater a discriminação/marginalização/subalternização do que é apontado como diferente. Entendemos que embora essas atitudes sejam necessárias, não são suficientes para diminuir ou acabar com as desigualdades presentes.

Observamos que as relações de poder e saber ainda classificam os indivíduos nos diversos *espaçostempos* da nossa sociedade, engendrando forças de exclusão ou inclusão, sejam nas escolas, nas empresas, nas famílias.

### **Pensando em conclusão**

Inventar, agir, intervir, seguir, escutar, afetar e ser afetado, problematizar, pensar e criar pistas imbricadas nas relações cotidianas na pesquisa e com a pesquisa..

Destarte, estamos imersos em uma cultura visual e digital, na chamada Era da Tecnologia e da Informação numa sociedade permeada por diversas redes sociais da/na internet, tais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* etc., que aqui denominamos o conceito de “sociedade do compartilhamento”, pois entendemos que, nessas contingências, praticar textos e imagens, conhecimentos e processos de significação, implica, cada vez mais, em compartilhar o que é visto, produzido, postado, armazenado e comentado.

Assim, na “sociedade do compartilhamento”, as redes sociais da internet vêm ocupando um papel protagonista nas relações que são urdidas na nossa contemporaneidade; imagens, pensamentos e opiniões, as mais diversas existentes, são publicadas, curtidas, comentadas e compartilhadas.

Compartilhar material significante (FRANÇA, 2006), deslocando, transportando, desterritorializando, reterritorializando e refuncionalizando colaborativamente tornou-se uma forma de se apropriar e de ressignificar imagens, palavras, frases e ideias, forjadas ou, ao menos, intensificadas com as novas mídias. Instituíram-se, assim, com o digital em redes, novos/outros modos de pensar e expressar, de tecer ideias/conceitos com os outros: outras pessoas, textos, imagens, ideias, que estão disponíveis e acessíveis na/com a internet e que se oferecem ou se impõem a nós, seja quando navegamos despreziosamente para divertir-nos, seja quando realizamos pesquisas em sites de busca. São materiais significantes, produzidos em outros sistemas de produção e usos que, quando desterritorializados, flutuando nas “nuvens” ou em inúmeros *espaçostempos* das redes digitais, podem ser reterritorializados com os usos que fazemos deles, passado de um sistema de usos a outros.

Defendemos que essa discussão produziu questões, provocou estranhezas e abalou certezas, abrindo espaço para a dúvida a fim de que cada um pudesse reorganizar-se. Nos encontros com os estudantes em pesquisa, acreditamos que se forjaram processos de subjetivação e novas possibilidades para a ação e a conexão com o mundo e o outro.

E assim seguiremos clicando, postando, compartilhando, curtindo e comentando.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês B. de (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. 3. ed. Petrópolis, RJ: DP, 2008a, p. 15-38.

\_\_\_\_\_. A formação com imagens. In: *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, 2 v., n. Especial, p. 235-52, jun./out., 2016.

AMANTE, Lúcia. Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Orgs.). *Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar*. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 27-46.

\_\_\_\_\_. Fernanda, *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Portugal: Ed. Relógio D'Água, 2000.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta*. São Paulo: ANNABLUME, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.

\_\_\_\_\_. *Os Anormais*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

FRANÇA, Vera. Sujeito da comunicação: sujeitos em comunicação. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (Orgs.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOREIRA, José Antônio; JANUÁRIO, Susana. Redes sociais e educação: reflexão acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Orgs.). *Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar*. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2014, p. 67-84.

SANT'ANNA, Cristiano. *#DIFERENÇA: pensando com imagens dentrofora da escola*. Tese de doutorado, Proped/UERJ, 2017 [www.proped.pro.br](http://www.proped.pro.br)

SANTOS, Edméa. *Pesquisa Formação na Cibercultura*. Portugal: Whitebooks, 2014.

SOARES, Conceição; SANTOS, Edméa. Artefatos tecnoculturais nos processos pedagógicos: usos e implicações para os currículos. In: ALVES, Nilda; LIBÂNEO, José Carlos (Orgs.). *Temas de Pedagogia diálogos entre didática e currículo*. São Paulo: Cortez, 2012, p. 308-32.

WULF, Christoph. *Homo Pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado*. São Paulo: Hedra, 2013.